

**MULHERES NO MUNDO DO FUTEBOL: REPRESENTAÇÕES**Djalma Oliveira de Souza<sup>1</sup>Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro<sup>1</sup>**RESUMO**

O artigo propõe a análise historiográfica de obras que contam a história do futebol brasileiro e que meticulosamente relembram, ao longo dos anos, a participação das mulheres dentro e fora de campo. A intenção é trazer à discussão a forma como as mulheres são representadas em várias escrituras: livros, revistas, periódicos, artigos e literatura em geral que tratam do esporte bretão. Atualmente, e quase que unanimemente, as narrativas que conceituam o brasileiro através do futebol, além de apresentarem praticamente sempre a mesma história - Charles Miller e sua volta ao Brasil vindo da Inglaterra - reforçam a ideia de que o futebol tem dono e este dono é o homem; normalmente elas retratam um ambiente cercado de preconceito e exclusão social, que com o passar dos anos tornou-se um portal de explicação do “caráter” do brasileiro. Nesse mesmo caminho de explicação em que o futebol “explica tudo”, percebe-se uma total exclusão das mulheres quando o assunto é construir uma narrativa do estado-nação através do futebol. Por meio dessa percepção, o artigo pontua algumas demandas históricas contemporâneas: como entender a democracia, a equidade de gênero, a integração social e a nação brasileira deixando as mulheres de fora?

**Palavras-chave:** Futebol. Mulheres. Representações.

**RESUMEN**

Mujeres en el mundo del futbol: representaciones

Este artículo propone un análisis historiográfico de obras que cuentan la historia del futbol brasileño y que meticulosamente discriminan, a lo largo de los años, la participación de las mujeres dentro y fuera de la cancha. La intención es traer a la discusión la forma como las mujeres son retratadas en diversos medios escritos: libros, revistas, periódicos, artículos y literatura en general que se ocupan del deporte bretón. Actualmente, y casi de manera unánime, las narrativas que conceptúan al brasileño por medio del futbol, además de casi siempre presentar la misma historia - Charles Miller en su vuelta a Brasil viniendo de Inglaterra - refuerzan la idea de que el futbol tiene dueño y que este dueño es el hombre; ellas comúnmente retratan un ambiente cercado de prejuicio y exclusión social, que, con el pasar de los años, se ha vuelto un portal de explicación sobre el “carácter” del brasileño. En esta misma ruta de explicación en la cual el futbol “explica todo”, se percibe una total exclusión de las mujeres cuando el asunto se trata de la construcción de una narrativa del estado-nación a través del futbol. Por medio de esa percepción, este artículo puntualiza algunas demandas históricas contemporâneas: ¿Cómo entender la democracia, la equidad de género, la integración social y la nación brasileña que deja afuera a las mujeres?

**Palabras-clave:** Futbol. Mujeres. Representaciones.

1-Pós-Graduação em História: Cultura e Poder, Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO), Goiânia-GO, Brasil.

E-mails dos autores:  
djalmaosclje@hotmail.com  
mariarosacavalcante@gmail.com

**ABSTRACT**

Women in the world of football: representations

The article proposes the historiographical analysis of works that tell the history of Brazilian soccer and that meticulously relegate over the years the participation of women on and off the field. The intention is to bring to the discussion the way women are represented in various scriptures: books, magazines, periodicals, articles and literature in general that deal with the sport of Breton. Currently, almost unanimously, the narratives that conceptualize the Brazilian through football, besides presenting almost always the same story - Charles Miller and his return to Brazil from England – reinforce the idea that football has owner and this owner is the man; usually they portray an environment surrounded by prejudice and social exclusion, which over the years has become a portal to explain the "character" of Brazilians. In this same way of explanation in which football "explains everything", one perceives a total exclusion of women when it comes to constructing a narrative of the nation-state through football. Through this perception, the article points out some contemporary historical demands: how to understand democracy, gender equity, social integration and the Brazilian nation leaving women out?

**Keywords:** Football. Women. Representations.

**INTRODUÇÃO**

O futebol hoje cantado em versos de samba e rock "em rou", considerado um esporte do "povão" no qual uma bola de meia e alguns tijolos (para as metas) podem significar sua prática, não obstante estabelece distâncias monumentais quando o assunto é a possibilidade de integração entre homens e mulheres.

As discussões em torno da participação das mulheres em todos os níveis da sociedade brasileira quase sempre concluem que elas são vilipendiadas dos mesmos direitos que possuem os homens. É notória a pouca participação efetiva das mulheres em decisões políticas, sociais e culturais. Isso é mais delicado ainda quando se percebe a acentuação dessa exclusão em

lugares em que deveriam de fato torná-las explícitas, ou seja, na própria academia.

Historicamente, o preconceito racial e a exclusão feminina podem também ser explicados através da identificação do processo de formação da sociedade Brasileira em que homens (brancos) detentores do poder e assegurados pela religião encrustaram na sociedade a ideia de que as mulheres deveriam ocupar somente os espaços estabelecidos por eles.

Podemos certificar essa afirmação através de vários exemplos vividos no nosso cotidiano em que as mulheres<sup>1</sup> são violentadas fisicamente, moralmente e psicologicamente.

Historicamente, foram ceifadas das mulheres as possibilidades profissionais de estudo e de liberdade, mas atualmente o feminismo e os estudos de gêneros possibilitaram e abriram caminhos para a superação desse contexto de desigualdade. O futebol não é um caso isolado em que as mulheres são excluídas da possibilidade de sua prática. Podemos perceber que as mulheres além de serem desprestigiadas no jogo, sofrem o mesmo tratamento nas "historiografias"; os best Sellers, artigos, obras literárias, notícias e jornais e revistas, de tratam e ignoram a existência das mulheres na sociedade brasileira após a chegada do esporte no Brasil.

A interpretação sobre o futebol como uma das marcas do caráter e do povo brasileiros esqueceu de incluir as mulheres. Não se trata de identificar se as mulheres podem jogar ou não. Este artigo abre caminho para pensarmos outras formas de análises de como as mulheres são "tratadas" na prática do esporte. Aqui destacamos as seguintes: a) os poucos estudos da não inclusão das mulheres

<sup>1</sup> Só em 2013, último ano com dados disponíveis, foram vitimadas 4.762 mulheres. Para se ter uma ideia do que esse volume significa, nesse mesmo ano, 2.451 municípios do Brasil (44% do total de municípios do País) contavam com um número menor de meninas e mulheres em sua população. Os municípios de menor população feminina do País: Borá, em São Paulo, ou Serra da Saudade, em Minas Gerais, não chegam a ter 400 habitantes do sexo feminino. É como se, em 2013, tivessem sido exterminadas todas as mulheres em 12 municípios do porte de Borá ou de Serra da Saudade. Geraria uma comoção, uma repulsa, de alcance planetário. Mas, como essas mulheres foram vitimadas de forma dispersa ao longo do território nacional, reina a indiferença, como se não existisse um problema. ([Mapa da violência 2015: homicídio de mulheres no Brasil/ 2015](#)).

quando o assunto é conceituar uma nação deixando de fora a experiência das mulheres; b) verificar o porquê da falta de incentivos financeiros às mulheres futebolistas; c) o “fenômeno” Marta. Como explicar o fato de ter uma atleta cinco vezes a melhor do planeta e mesmo assim o futebol feminino ficar desprestigiado?; d) o comportamento “machão” dos praticantes do esporte como construção depreciativa das mulheres praticantes do futebol; e) como é praticado o esporte nos campinhos de terra na atualidade, ou, nos muros das escolas?; f) os resultados práticos obtidos após a confecção de leis impostas pelas entidades responsáveis pelo futebol (FIFA, COMEBOL) para a popularização do esporte através das mulheres.

A história do futebol oficial no Brasil relata que os burgueses brasileiros enviavam seus filhos para estudarem na Europa, preferencialmente na Inglaterra, e estes jovens, quando voltavam formados ou não, traziam em suas bagagens algumas novidades. Para Franco Júnior (2007) a introdução do futebol no Brasil “... foi atribuída ao jovem paulistano Charles William Miller, filho de um engenheiro escocês aqui radicado. Enviado à Inglaterra com nove anos para completar seus estudos, Miller retornou em 1894 trazendo em sua bagagem um verdadeiro arsenal litúrgico.”

Esses exemplos de história, em que o fato atribuído é condicionado pela ação dos homens, representam muitas vezes a possível explicação dos motivos pela qual a posse de determinados acontecimentos faz da historiografia um lar em que os homens sentem-se donos do produto, é o caso do futebol. A figura masculina dentro do futebol chega às margens de um endeusamento no qual o craque recebe as glórias e muitas vezes é nomeado como REI, DEUS dos campos, uma espécie de Salvador da pátria. Como diria Nelson Rodrigues, os craques são “Imortais”.

As alegrias e as tristezas dos torcedores/as estão correlacionadas com o desempenho dos craques que com suas fraquezas, seus problemas e frustrações resolvem tudo com a bola na rede ou com mais uma conquista. Do outro lado, estão as mulheres que não representam praticamente nada no jogo dos cartolas do futebol. Não exercem influências nas decisões políticas do país em proporção à sua representação

expressiva de eleitoras. Eventualmente, se houver uma mulher que se destaque no futebol feminino, será renomeada usando o codinome masculino (Marta, a Pelé de saias).

A própria construção dos estádios para que os homens pudessem se esbaldar, se satisfazer e se deliciar, aumentando assim suas glórias, é uma prova dessa posse autoritária e unilateral. À exemplo disso, podemos constatar que nada foi construído para as mulheres em termos delas usufruírem dos lugares como protagonistas. Os homens acabam sendo uma espécie de donos da bola. A partir dessa lógica de dominação, podemos perceber a exclusão das mulheres na prática e na vivência esportiva futebolística.

Seja dentro ou fora de campo, o futebol é quase exclusivamente masculino. Através de pesquisas, constatamos que até no jornalismo esportivo quase não há espaço para as mulheres; raramente elas são aceitas para exercer esta profissão. Sobre o assunto, Provenzano diz o seguinte:

*A participação das mulheres no radio jornalismo esportivo brasileiro teve como uma das primeiras e mais marcantes experiências a equipe formada na Rádio Mulher, em 1971, em São Paulo. “Elas analisavam a beleza dos jogadores, foi Zuleide quem começou a falar das pernas famosas do goleiro do Palmeiras na época, Emerson Leão, a limpeza dos uniformes, e davam um tom sutil às transmissões (Provenzano, 2009).*

Frente ao estudo da historiografia do futebol brasileiro, podemos perceber que grande parte das obras acentuam a ideia de que as mulheres não faziam “parte do plano” no assunto futebol. Uma extensa obra bibliográfica foi lançada no ano de 2013, “O Futebol brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia”, nele podemos encontrar análises específicas de alguns trabalhos essencialmente masculinos.

A parceria entre a Fundação Joaquim Nabuco e o Ministério da Educação catalogou as principais obras que tratam da história do futebol brasileiro. O autor convidado para essa catalogação foi o pesquisador Túlio Velho Barreto da Fundação Joaquim Nabuco em que trabalha desde 1984.

Esse interessante trabalho bibliográfico divide a historiografia do futebol em três partes. A primeira parte ressalta as obras de produção jornalística desde a

chegada do futebol até a atualidade. Em uma segunda etapa, o autor destaca a literatura ficcional dos autores brasileiros, a terceira etapa demarca os estudos acadêmicos. Aqui analisamos especificamente algumas obras de cada uma dessas partes divididas pelo autor, destacamos especificamente a exclusão feminina.

### CRÔNICA FUTEBOLÍSTICA

A base de sustentação e pesquisa utilizada para essa primeira parte é a obra de Fátima Antunes “Com brasileiro, não há quem possa, 2004”. A autora destaca o que escreviam os três principais cronistas de futebol nos anos quarenta. É destaque para a autora os escritores Mario filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego. Cabe ressaltar que a autora faz sua apresentação descrevendo suas motivações para a análise futebolística e suas paixões pelo tema. Reforça o “coro” dos que comungam a ideia de que o futebol explica de certa maneira “o brasileiro”, apesar de reconhecer que o futebol é um espaço masculino. Para a autora o futebol promovia “Essa identidade comum, que ultrapassava os limites familiares e alcançava o espaço público, fornecia as bases de um padrão de sociabilidade específico. Tratava-se, na verdade de um código de integração a um determinado sistema social.” (Antunes, 2004).

Nascido no município de Pilar, Jose Lins do Rego (1901-1957) contribuiu sobremaneira com a literatura brasileira através de seus romances e crônicas. Independentemente de seu estilo literário, seus textos foram fundamentais para o engrandecimento da língua portuguesa. Suas crônicas especialmente buscavam realçar fatos e cidadãos brasileiros relacionados com o mundo do futebol. Para Antunes, José Lins do Rego “Via o futebol como um espaço para a promoção da unidade nacional e conseqüentemente de superação das divergências regionais[...]nesse sentido, Zé Lins era um incentivador Incansável do brasileiro à ação e à reversão de um quadro de dificuldades.” (Antunes, 2004).

O desenvolvimento técnico dos jogadores de futebol foi uma das matérias primas para os cronistas brasileiros, conseqüentemente desenvolveram uma espécie de sentimento em que a linha que

separava o futebol da vida social estava agora apagada, não havia mais separação. Através das crônicas, José Lins do Rego fez uma integração entre os que não eram enxergados na sociedade e a classe opressora, dessa forma executou uma possível aproximação entre esses elos conflitantes da sociedade.

Devemos ressaltar que dessa ideia de integração ficavam “dispensadas” as mulheres das alegrias do povo brasileiro, das emoções que o futebol proporcionava. Nas narrativas do autor não havia referências ou citação do gênero feminino. Para Holanda (2003), “A presença expressiva do futebol no conjunto da vida e da obra de José Lins do Rego contribuiu para pensarmos a possibilidade do estabelecimento de uma ligação entre a questão dos esportes populares e a problemática originária do modernismo.”

Outro autor de destaque nessa fase de análise dos cronistas é o autor Mário Rodrigues Filho (1908-1966), que nasceu na cidade de Recife e que em 1915 desembarcou no Rio de Janeiro com os pais e irmãos. O maior estádio do planeta na época de sua inauguração, o Maracanã, homenageia o habilidoso cronista. De acordo com Pereira (2000) “...em 1907 constavam no noticiário dos grandes jornais cariocas 77 clubes de diferentes perfis sociais, em 1915 apareciam 216 só nas páginas o jornal O Imparcial- tendo quase triplicado, em oito anos, o número de clubes futebolísticos no Rio de Janeiro.”

Mario filho atribuía às vitórias da nossa seleção um impulso à “criação” de nossa própria identidade. É claro que não devemos observar a obra do autor de forma isenta de questionamentos e de uma análise mais acentuada da utilização de alguns conceitos por ele empregados. O que se observa nos escritos de Mário Rodrigues filho, um lendário torcedor do Fluminense, é que não há de forma explícita qualquer tipo de referência ao gênero feminino. O autor de uma forma geral engloba homem e mulher em um mesmo espaço no qual apenas os homens recebem os louros da glória “eterna”. Acreditamos que conceituar uma nação através do futebol e interpretar uma identidade nacional sem uma análise que considere a participação das mulheres nesse processo é demasiado incompleto.

Nelson Falcão Rodrigues nasceu no Recife, em 1912. Aos cinco anos, mudou-se

com a família para o Rio de Janeiro, onde destacou-se no teatro, no romance e na crônica esportiva. Nelson Rodrigues “O anjo pornográfico” foi um escritor polêmico e autor de muitas frases que marcaram e marcam até os dias atuais o nosso cotidiano.

Os registros históricos destacam que o futebol já era praticado em campos verdes e amarelos do Brasil, quando o Néelson Rodrigues chega ao Rio de Janeiro em 1915, e que já existiam clubes tradicionais como o Vasco da Gama, o Fluminense, o Flamengo, o Botafogo e outros clubes de outras regiões do país. O material resgatado dos jornais O Globo e Jornal dos Esportes, entre as décadas de 1950 a 1970, foram materializados em um livro intitulado “Pátria de chuteiras”, lançado em 2012, ano do centenário de nascimento do autor. É uma obra divertidíssima em que o autor especificamente tenta recuperar a autoestima do brasileiro, jogador ou não, após a derrota pelo Uruguai em pleno Maracanã em 1950. Nelson Rodrigues Ao invés de acentuar a derrota, Néelson Rodrigues inverte o discurso dos demais cronistas e torcedores e demonstra que o brasileiro seria capaz, através de seu talento, de superar qualquer adversário e que a derrota, um fantasma, não iria decretar o fim do futebol brasileiro.

Nelson Rodrigues entendia que o futebol seria uma espécie de representação da nação, diante disso aceitar que nossa seleção, nossos jogadores fossem uns derrotados antes de entrarem em campo não ajudaria em nada no desenvolvimento do país.

*A fé e a crença no brasileiro, adquiridas pelo futebol, deveriam orientar todo um povo na aquisição de autoestima - garantia Nelson. A seleção, lançando mão de uma série de símbolos nacionais, representaria a pátria e, assim, seria capaz de promover um sentimento de união nacional. Pelos feitos da seleção, a nação iria adquirir a autoestima, necessária para o resgate moral do brasileiro (Antunes, 2004).*

Percebemos nas crônicas de Néelson Rodrigues uma quase total ausência da figura feminina em suas linhas escritas. Elas não deixam de ser citadas, porém, apenas como complemento textual. Quando o autor tenta enaltecer o patriotismo brasileiro através do futebol, a figura feminina não entra na narrativa do escritor já que ele em nenhum momento narra episódios em que as mulheres poderiam ser protagonistas.

## MULHERES FALAM DE FUTEBOL?

Considerando que poucas mulheres se aventuraram na escrita relacionada ao futebol, este subtópico tem por base o artigo “Mulheres Fora da Área: escritoras “arriscando-se” a dissertar sobre futebol” (2017) dos(as) autores Maria Thereza Oliveira Souza, Larissa Jensen e pelo Doutor em história André Mendes Capraro. Esse artigo faz referências a duas escritoras brasileiras que escreveram sobre as mulheres e o futebol. As vozes das escritoras nomeadas nesse artigo são de Clarice Lispector e de Lya Luft, se destacam pelo fato de que dificilmente temos notícias de mulheres escrevendo sobre o futebol.

Clarice Lispector (1920-1977) nunca manteve uma intimidade com o futebol e o seu contato com o esporte foi promovido pelo cronista Armando Nogueira que lhe solicitou um texto sobre o assunto. Aceito o desafio, a escritora ucraniana escreveu “Armando Nogueira, futebol e eu, coitada.”

Percebemos ao ler o texto que a escritora levanta algumas questões que devem ser analisadas. O futebol é de fato um esporte viril? Através dessa premissa é possível entender que só os homens devem praticá-lo? Seria esse o motivo das meninas se comportarem como homens? A autora não entender sobre o tema seria uma espécie de normalidade na sociedade futebolística? Clarice Lispector, escritora radicada no Brasil desde 1922, apresenta ao escrever sua crônica um quadro em que ela demonstra o que realmente poderia ser uma espécie de representação da maioria das mulheres brasileiras. Ou seja, pouco contato com o esporte. No decorrer da crônica ela afirma que “aquele jogo” era muito violento e que jamais iria praticá-lo. Subtende-se que a autora concebe o futebol como esporte a ser praticado apenas pelo sexo masculino e essa argumentação poderia ser uma das explicações pela desinformação da maioria das mulheres sobre o futebol.

Clarice Lispector incorpora uma construção cultural naturalizada na cultura brasileira, que só recentemente começa a ser desconstruída pelas próprias mulheres com a bola nos pés no chão do campo. Os autores do artigo acima citados salientam que talvez de forma desprezível a escritora tenha “aberto” uma possibilidade de análise de como

era a condição feminina dentro e fora de campo no período da década de sessenta.

Outra autora em destaque é a gaúcha de Santa Cruz do Sul Lya Luft, contista, ensaísta, poetisa, cronista tradutora e romancista. Declara que não frequenta estádios e esporadicamente assiste pela TV a uma partida de futebol, mas periodicamente escreve algumas linhas sobre o assunto. Lya Luft ao mencionar o esporte em suas escrituras não analisa questões técnicas e táticas sobre o jogo, procura analisar questões sociais e o comportamento das pessoas que praticam e das que são apaixonadas pelo esporte.

A autora ao focar as questões humanas do futebol contribui sistematicamente para que façamos uma análise mais profunda sobre as condições nas quais as mulheres estão inseridas no mundo do futebol, deixemos claro que a autora necessariamente não questiona a presença ou ausência das mulheres no esporte, mas aponta caminhos para debates sobre a paixão nacional estritamente cultuada e praticada pelo gênero masculino.

#### **A ACADEMIA E O FUTEBOL FEMININO**

A terceira parte dessa abordagem de produção histórica do futebol brasileiro tem por foco principal dissertar alguns trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. Mesmo sendo um esporte com relativo clamor popular o futebol não foi um assunto muito prestigiado pela academia. Durante muito tempo as fontes mais usadas para um saber histórico do esporte estavam quase sempre dependentes as matérias jornalísticas e publicações em revistas. Nelson Rodrigues em uma crônica publicada da década de cinquenta escreveu “nossa literatura ignora o futebol” e complementa “Nossos escritores não sabem cobrar um reles lateral” (Rodrigues, 1997).

Identificamos que na atualidade os acadêmicos e intelectuais estão pesquisando o tema futebol com mais frequência. Segundo dados do censo 2010 Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), existem hoje 9 grupos e 41 linhas de pesquisa em futebol registrados no Brasil. As pesquisas sobre o futebol normalmente estão relacionadas as áreas de Humanas com destaque à antropologia, às questões históricas, sociais econômicas e políticas, mas

também identificamos trabalhos científicos nos cursos de Educação Física e Fisioterapia.

Segundo o sociólogo e jornalista Ronaldo Helal, o tema futebol ganhou mais destaque na academia e começou a ser respeitado a partir da publicação do livro “Universo do Futebol” (1982), organizado pelo antropólogo Roberto da Matta. Predomina nestas obras acadêmicas uma narrativa de esquecimento coletivo dos autores sobre a condição das mulheres no mundo do futebol, há e um foco no conceito de nação sempre referenciado no universo masculino como protagonista dos projetos de nação em disputa.

O futebol é também apresentado como o esporte da “união nacional”, da “integração social”, como destaca Marcos Guterman (2009) em seu livro “O futebol explica o Brasil— Uma história da maior expressão popular do país”. Grande parte dessas obras utilizam o conceito de nação como protagonismo dos homens. Leonardo Affonso em sua obra “Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro-1902-1938 (2000), repetidamente menciona os conceitos de nacionalidade, patriotismo, sentimento nacional e identidade sem nenhuma referência de fato às condições das mulheres no que se refere à sua condição de exclusão do campo social, político e desportivo.

Além do enfoque nacionalista que algumas narrativas constroem em torno do futebol, há também a abertura para uma abordagem que enaltece a presença dos negros nos campos de futebol, reiteradas vezes e capítulos após capítulos marcam a participação e o heroísmo dos homens negros. Através desse discurso essa literatura toma para si o poder de conceituar uma realidade de aproximação entre homens negros e homens brancos daí o uso de alguns conceitos como “camaradagem”, “igualdade”, “democracia”, para indicar a integração que o campo propicia aos homens, independe de sua raça/etnia, classe e religião.

Identificamos uma série de plataformas digitais produzidas no meio acadêmico que registram e disponibilizam suas pesquisas ao público em geral. São as seguintes: Unicamp: Grupo de Estudos e Pesquisas de Futebol (2001); Unesp Bauru: Grupo de Estudos em Comunicação Esportiva e Futebol (Gecef) (2005); UFMG: Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (Gefut)

(2006); UFPE: Núcleo de Estudos e Pesquisa em Sociologia do Futebol (2006); UFRJ: Laboratório de História do Esporte e do Lazer (2007); UFC: História e Memória do Futebol (2008); UFPR: Futebol e Sociedade (2008); UFMG: Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes (Fulia) (2010).

Temos em vista que há nesses núcleos de pesquisa poucos estudos do futebol em que as mulheres sejam o foco da pesquisa.<sup>2</sup> Na contramão do discurso de que na atualidade as mulheres ganharam espaço no futebol, percebemos que dentro das academias ainda há uma relativa timidez em relação a abordagem feminina no esporte.

Encontramos plataformas diversificadas de análises futebolísticas e percebemos que prevalecem os estudos táticos; estudos relacionados aos fenômenos (os craques) e aos clubes (institucionais). Os estudos da história do futebol no Brasil baseiam-se muito pelo que foi dito e escrito na região Sudeste. Mais recentemente, outros centros esportivos e torcedores em geral estão viabilizando mais possibilidades de protagonismos do futebol de outras regiões, através de pesquisas acadêmicas e com a criação de sites e páginas nas redes sociais.

Ao viabilizar o conhecimento histórico do futebol através de outros centros esportivos, a história possibilita a abertura de novos debates importantes sobre gênero, sociabilidade, inclusão, técnica e memória. Lembremos aqui da advertência de Howell e Leeworthy (2009): "Inadvertidamente, o metropolitanismo, permanece no próprio âmago da história moderna".

## **FUTEBOL FEMININO, UMA HISTÓRIA OMITIDA**

Ao percorrermos a trajetória histórica identificando os primeiros toques na bola dado pelas mulheres podemos desmistificar a ampliação do discurso que o futebol feminino é recente. As primeiras notícias da prática feminina no esporte bretão no Brasil datam de 1913, episódio narrado nas escrituras do historiador José Sebastião Witter: "no Brasil, o primeiro jogo de futebol feminino de que se tem notícia foi disputado em 1913, entre times

dos bairros da Cantareira e do Tremembé, de São Paulo (Mazzoni, 1996).<sup>3</sup>

A marcação da sociedade machista e paternalista diante das mulheres para que elas não exercessem qualquer tipo de esporte foi quebrada e reestruturada ao longo dos séculos. Criaram leis, Decreto-lei 3.199, que em abril de 1941 instituiu o Conselho Nacional de Desportos (CND). A lei afirmava em seu artigo 54 que "às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país". Lei destituída somente na década de 1980.

Criaram artifícios de difamação em que as mulheres praticantes do esporte eram rotuladas como mulheres "machos". Intensificaram um discurso em que as mulheres não entendiam de futebol e que a sua prática seria apenas diversão. Além de atrelar a beleza física às jogadoras, essa nova fase objetiva vincular elementos relacionados ao capital econômico e cultural, como demonstração de que para essas novas – e bem-queridas – jogadoras, o futebol não é profissão, e sim, diversão (Salvini e Marchi Junior, 2013).

A primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino organizada pela FIFA foi realizada na China em 1991. Tamanho foi o amadorismo e a falta de investimento, a seleção feminina do Brasil de futebol foi montada às presas onde segundo Valporto (2006) foi feito um "recrutamento" de jogadoras em que a base dessa seleção estava no Esporte Clube Radar (RJ).

A confederação máxima do futebol, a FIFA promove na atualidade cinco competições de nível internacional para que as mulheres possam participar e demonstrar seus

<sup>3</sup> Importante notar que a partida de 1913, apontada por Witter como pioneira, também não escapa à polêmica: recente matéria da Folha de S. Paulo apresenta várias versões para o episódio. Segundo a reportagem, alguns periódicos de época afirmavam que as jogadoras seriam homens travestidos de mulher, enquanto outros diziam que o confronto se deu entre um time de mulheres e outro de homens; além disso, há ainda, de acordo com a mesma matéria, divergências entre os historiadores tanto no que diz respeito à data de realização da partida (que teria ocorrido em 1921, e não em 1913) quanto em relação ao seu pioneirismo (pois teria havido outros jogos entre equipes femininas antes de 1913). Cf. Assumpção, J. C. "Homens podem ter disputado o 1º jogo feminino". Folha de S. Paulo, 25.05.2003, p.D5.

<sup>2</sup> [http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/2017-09-19\\_anais\\_tcc\\_1o\\_semestre2017.pdf](http://www.fef.unicamp.br/fef/sites/uploads/2017-09-19_anais_tcc_1o_semestre2017.pdf)  
<http://gecef.blogspot.com.br/>

talentos com a bola no pé. Vejamos as supracitadas competições: 1. Copa Mundial Feminina da FIFA, 2. Copa Mundial Feminina Sub-20 da FIFA, 3. Copa Mundial Feminina Sub-17 da FIFA, 4. Torneio Olímpico de Futebol feminino, 5. Torneio Olímpicos Juvenis de Futebol. Ao analisarmos esses certames percebemos que a seleção Brasileira esteve presente em todas as copas do mundo.

*O futebol feminino, de fato, apesar de algumas experiências em fins do século XIX, até 1914 o futebol tinha sido exclusividade masculina. Com a guerra, moças de famílias operárias foram trabalhar nas fabricas de munição e, no bojo do processo geral de emancipação das mulheres, apropriaram-se também do futebol (Franco JR, 2007).*

Os primeiros campeonatos nacionais de futebol feminino no Brasil datam da década de 1980, mas somente na década de 1990 é que os certames ganharam maior visibilidade. Os estados da região sudeste detêm o maior número de títulos dessa competição e podemos explicar em partes essa hegemonia ao fato de que nessa região os times eram tecnicamente organizados, dispunham de patrocínios e principalmente, estão localizados no “centro” esportivo do país. Atualmente 32 equipes disputam o campeonato Brasileiro de Futebol Feminino, divididas em duas series (A1 e A2). Recentemente (2016) a Confederação Brasileira de Futebol extinguiu a Copa do Brasil que era disputada há dez anos e que contou em sua última edição com 32 equipes. Somente em 2016 é que foi atribuído a uma mulher o comando da seleção feminina de futebol.<sup>4</sup>

## A REPRESENTAÇÃO FEMININA

A ausência das mulheres no mundo futebolístico em uma análise pontual de algumas obras, não necessariamente acadêmicas, aponta indícios de como elas são representadas através de textos e fotografias, salientando dessa forma uma possibilidade de abertura ao debate das

diversas formas em que as mulheres ainda são alvos de preconceito, enxovalamento e exclusão.

O conceito de representação seguindo a linha de pensamento de Roger Chartier (1990) pontua um recuo da violência física e uma crescente austeridade da violência simbólica, mantendo dessa forma a autoridade masculina sobre a feminina com práticas (sub) conscientes e reforçadas com a anuência das culturas estabelecidas no passado. Complementando essa afirmação, acrescentamos à própria estrutura historiográfica que por meios de uma “tradição inventada”<sup>5</sup> institucionaliza uma verdade histórica sem a participação de alguns grupos indispensáveis para a formação de uma sociedade.

Dividimos nosso campo de análise da representação feminina no futebol em duas partes. A primeira parte demonstramos a forma como as mulheres recebem a “permissão” dos homens para participarem do futebol fora de campo, enquanto que, na segunda parte investiremos na análise quantitativa de citações das obras analisadas e de que forma elas são apresentadas jogando futebol. Invariavelmente encontramos a presença feminina no mundo do futebol em revistas, jornais, livros, crônicas esportivas, artigos e teses acadêmicas e quando vistas de forma analítica, indicam uma situação de submissão das mulheres aos homens. Representadas sob o formato de senhorinhas de boa índole que sempre estão ao lado dos seus maridos, as mulheres vivem o futebol fora de campo apenas como figuras coadjuvantes e inexpressivas, disfarçadas com um certo prestígio.

*Dona Maria Leite Segurado. Esse símbolo do Goiás, que nasceu na cidade de Goiás no dia 1 de agosto de 1892, foi convidado pelo então presidente esmeraldino, coronel Medeiros, para se engajar no processo de reconstrução do clube. A sua contribuição inicial foi com a lavagem dos uniformes, para o uso dos jogadores, lembrando que seus serviços de lavadeira foram de forma gratuita (Leal, 2014).*

A participação feminina nesse processo de fundação do clube invariavelmente está vinculada às práticas de

<sup>4</sup> Emily Lima comandou o Brasil em 13 jogos, conquistando sete vitórias, um empate e cinco derrotas. Em 10 meses de trabalho à frente da equipe, teve um aproveitamento de 56,4%. Entrou em 2016 saiu 2017.

Fontes; <https://istoe.com.br/apos-demissao-da-tecnica-emily-lima-rebeliao-atinge-selecao-feminina-de-futebol/> Acesso dia21/01/18.

<sup>5</sup> Hobsbawm, E. “Introdução” In: Hobsbawm, E.; Ranger, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23. 1984.



serviço doméstico, de meras acompanhantes de seus maridos ou simplesmente mestres de cerimônias e entrega de premiações. Percebemos também a restrita participação feminina no mundo futebolístico na revista *Sport Ilustrado* em que na maioria das vezes elas aparecem como meras agentes de divulgação publicitária de produtos utilizados diariamente pela população. Nas edições dessa revista conseguimos observar as edições dos anos de 1920 a 1956 contemplando as edições 00001 a 00976 (*Esporte Ilustrado*) que periodicamente publicava as mesmas peças publicitárias.

A permissão dada as mulheres no futebol fora de campo reforçam a ideia de como a representação social feminina era fundamentada em princípios arraigados em uma estrutura cultural baseada na permanência de práticas conservadoras.

*As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas (Chartier, 1990).*

Nesse contexto de impedimento da participação feminina no futebol os homens se cercam de estratégias onde há um fio condutor que determina quem e quando pode ultrapassá-lo, as mulheres se veem com prestígio aflorado por poderem pelo menos fazer parte do mundo futebolístico, mesmo sabendo que não poderão sair da *pequena área*<sup>6</sup> estabelecida pelos homens.

O discurso de que as mulheres não sabem jogar, que o futebol descaracteriza sua feminilidade e a própria academia que não desconstrói essas naturalizações opressivas, foram fatores possíveis da continuidade desse impedimento fora das regras. Um fator interessante de análise da presença feminina no futebol é a constatação da presença de mulheres nas torcidas. Devemos ressaltar que essa liberdade feminina para assistir aos jogos dentro dos estádios se restringem às mulheres da alta sociedade, que acompanhadas dos

maridos poderiam marcar presença nos estádios.

A pesquisadora Leila Salvini e o pesquisador Wanderley Marchi Júnior (2013) destacam um outro aspecto da participação feminina agora dentro de campo, com base nas publicações da revista *Placar* na década de 1990 concluíram que a exposição das mulheres de forma sensual ajudou a desvincular a ideia de que as mulheres praticantes desse esporte seriam “homossexuais”. O professor Reudesman Ferreira relata em sua extensa obra a História do futebol de cajazeiras-Paraíba:

*Mas, tudo tem seu preço, e Dudu, que nos afirmou ser o presidente, e treinador, da seleção, revelou que os treinamentos das meninas eram realizados no estádio Higinio Pires Ferreira a partir das quatorze horas, debaixo do sol e calor efervescente deste nosso sertão, já que, a partir das quinze horas, havia sempre os treinos do futebol masculino com programação estabelecida, mas, elas não reclamavam de nada, as jogadas eram treinadas exaustivamente em cima de muita cobrança, os materiais eram pouquíssimos, uma ou no máximo duas bolas para trabalhar a fundamentação técnica no aprimoramento da condução, domínio e passes de bola e haja paciência (Ferreira, 2015).*

Da mesma forma que quase não havia tempo para as mulheres praticarem o futebol tendo que jogar em um horário delicado para preservação da saúde humana, a citação acima também reflete esse desprestígio feminino. O número de páginas que descrevem a prática futebolística feminina não é de um por cento da obra.<sup>7</sup>

Analisamos a presença feminina na obra de Hilário Franco Júnior (2007) e percebemos que há uma iniciativa do autor em relatar alguns fatos do futebol em que a mulher esteja inserida. A obra retrata fatos das primeiras jogadoras no século XX (pag. 45 e 203) uma pesquisa sobre torcidas (pag.205) e apenas uma fotografia (pag.237). Outra obra analisada por esse viés quantitativo da presença feminina nas obras sobre futebol foi a de Leonardo Affonso de Miranda Pereira, *Footballmania* (2000): “Uma história social do futebol no Rio de Janeiro 1902-1938.” Nessa

<sup>7</sup> A obra tem 684 páginas divididas em quinze capítulos, onde somente no capítulo doze com um título: “O Futebol Feminino Cajazeiras” (p. 505) as mulheres são representadas em apenas seis páginas.

<sup>6</sup> Em referência as partes do campo de futebol oficial. Pequena e grande área, meia lua e círculo central.

obra o autor relata a história da formação do futebol carioca, a formação dos principais clubes do Rio de Janeiro, a inserção do negro nos principais clubes do Brasil e praticamente não cita uma mulher se quer no mundo futebol, as poucas referências são relacionadas às torcedoras, mães que queriam ver seus filhos jogando futebol e casos amorosos e tragédias vividas pelos jogadores com as mulheres.

Com a bola rolando em campo e já no sétimo campeonato sul americano, sete vezes campeãs, a seleção feminina brasileira de futebol vem ganhando admiração, reconhecimento, espaço e respeito público. Muito embora a imprensa nacional se quer tenha dado visibilidade para as conquistas da seleção feminina em suas páginas esportivas, na mesma dimensão que dispensa aos feitos da seleção masculina de futebol, seja campeonato sul americano, seja copa do mundo.

De uma maneira geral o esporte no Brasil não é valorizado, com exceção do futebol masculino. Em algumas categorias a prática esportiva no país é precária, exemplificando, podemos citar nossos pífios resultados em competições em nível internacional e o abandono das arenas e dos projetos elencados antes das olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016.

A intenção desse artigo é a de trazer à discussão o tema das mulheres no futebol e provocar uma abertura ao debate sobre as questões como o preconceito, o desprezo, a permanência de ideias arraigadas de valores opressivos e naturalizados pela dominação masculina que reforçam as práticas sociais estereotipadas de desigualdade de gênero em diferentes níveis sociais, seja em práticas esportivas e em outras dimensões da vida social, política e cultural.

Acreditamos que a anatomia ditada pela biologia não pode continuar sustentando argumentos estereotipados que favoreçam a dominação do sexo masculino em relação ao sexo feminino seja no mundo do futebol, seja em todos os mundos reais clivados de uma vasta diversidade de gênero, etnia/raça, religião, cultura e gerações.

## REFERÊNCIAS

- 1-Antunes, F. Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo. Editora UNESP. 2004.
- 2-Chartier, R. A História Cultural: Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro. Bertrand. 1990.
- 3-Ferreira, R. L. História do futebol de cajazeiras. Gráfica e editora Real. 2015.
- 4-Franco Jr., H. A Dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura. São Paulo. Cia das Letras. 2007.
- 5-Howell, C.; Leeworthy, D. Borderlands. In Pope, S. W; Nauright, J. (eds.). Routledge companion to sports history. New York. Routledge. 2009.
- 6-Hollanda, B. B. B. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego / Bernardo Borges Buarque de Hollanda. Dissertação de Mestrado em História. Rio de Janeiro, PUC. 2003.
- 7-Leal, F. Goiás: sob o manto verde do cerrado. Goiânia. Kelps. 2014.
- 8-Mazzoni, T.H. História do Futebol no Brasil. São Paulo: Leia, 1950, p.289. Witter, J. S. Breve História do Futebol Brasileiro. São Paulo: FTD. 1996.
- 9-Pereira, L. A. M. 1968 Football mania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro-1902-1938. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 2000.
- 10-Provenzano, B. A participação das mulheres no rádio jornalismo esportivo no Rio Grande do Sul. Novo Hamburgo. Centro Universitário Feevale. 2009.
- 11-Rodrigues, M. F. O criador de multidões. In: Maron Filho, O.; Ferreira, R. (Orgs.). Fla-Flu... e as multidões despertaram. Rio de Janeiro: Europa. 1987.
- 12-Rodrigues, N. Flor de obsessão: as 1.000 melhores frases de Nelson Rodrigues. São Paulo. Companhia das Letras. 1997.

## Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

[www.ibpex.com.br](http://www.ibpex.com.br) / [www.rbff.com.br](http://www.rbff.com.br)

---

13-Salvini, L.; Marchi Junior, W. Notoriedade mundial e visibilidade local: o futebol feminino na revista placar na década de 1990. In: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFPR. Vol. 1. Num. 1. 2013.

14-Valporto, O. Atleta, substantivo feminino: as mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro. Casa da Palavra. 2006.

Recebido para publicação em 18/07/2018

Aceito em 06/01/2019